

A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA SE PENSAR A SINGULARIDADE DAS INFÂNCIAS

Natália Moreira Altoé.
Altoe.natalia@gmail.com.¹
Eliane Santos Vieira
negasantosvieira2@gmail.com.

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo sentir a criança acordar dentro de nós, para nos dar a oportunidade do erro e do acerto; saber que sempre se tem uma mão amiga a nos segurar, quando sentimos que podemos cair; que a vida de criança é o nosso grande alicerce, para vida futura; que o Sol que brilhava no quintal era mais ameno do que sentimos hoje, que essa bruxa que nos assombra através da fome, como relatava Freire, em suas memórias, continua assustando toda humanidade. A esperança, do esperar desse professor social, que nunca a perdeu. Que foi a luta e fez muito de nós, seguidores de seus passos. A bandeira levantada por Paulo Freire é a da amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e o amor, a ser seguida por aqueles que se sentem oprimidos nessa sociedade tão desigual. A criança há de renascer todos os dias, de dentro de nós.

Descritores: Pedagogia Social, Educação, Infâncias.

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca abordar as contribuições de Paulo Freire para pensarmos acerca das infâncias. É importante ressaltar que Paulo Freire quase não nos trouxe textos destinados especificamente às Infâncias, que por muitas vezes, ele usava o termo meninice. Contudo, o que se tem dessa temática é de

¹ Natália Moreira Altoé - Graduada em Serviço Social e Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense, Pós-Graduada em Pedagogia Social para o Século XXI pela Universidade Federal Fluminense e Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense. Eliane Santos Vieira- Pedagoga, especialização em psicopedagogia clínica e institucional. Participante e pesquisadora no Grupo de Pesquisa Pedagogia Social para o Século XXI.

grande relevância para os dias atuais, quando a criança relatada na educação é de uma singularidade sem dimensão. É percebida como construtora de conhecimento, ser crítico e social, capaz de compartilhar saberes e dar rumo à sua trajetória futura.

O COTIDIANO COM AS INFÂNCIAS: ALGUNS APONTAMENTOS BASEADOS EM FREIRE

Paulo Freire nos leva a refletir sobre a ideia da criança enquanto aquela possuidora da imaginação, da fantasia, da poesia. Segundo ele, a infância deve ser considerada uma categoria social e histórica e, assim sendo, a cultura infantil deve ser considerada tendo como base a criança enquanto sujeito, sendo capaz de mudar o rumo estabelecido das coisas, de estabelecer relação crítica com a tradição.

É importante ressaltar que uma preocupação presente por parte dos profissionais que atuam com as infâncias é o dilema vivenciado por eles que, envolvidos com as infâncias, se possa ter base teórica, mas, muitas vezes, não saber lidar e trabalhar com esta etapa. Há diferentes visões e concepções de infância que foram construídas social e historicamente, por isso nem sempre conseguimos enxergar a infância da mesma maneira.

Portanto, as contribuições do referido autor nos remetem a importância de se trabalhar a infância relacionando-a com temáticas como direitos humanos, violência, relação entre adultos e crianças e autoridade, questões sociais vivenciadas, nos deixando o desafio de pensarmos e vermos a escola como instância de formação cultural, as crianças enquanto sujeitos de cultura e história, enquanto sujeitos sociais, para que sejam atendidas em suas necessidades. Relacionando o livro de Freire (2011), pode-se destacar a importância da experiência de vida do sujeito para seu aprendizado.

Pensar certo, em termos críticos, é uma exigência que os momentos do ciclo gnosiológico vão pondo a curiosidade quem tornando-se mais e mais metodicamente rigorosa, transita da ingenuidade para o que venho chamando 'curiosidade epistemológica'. O saber de pura experiência feito. Pensar certo, do ponto de vista do professor, tanto implica o respeito ao senso comum no processo de sua necessária superação quanto o respeito e o estímulo à capacidade criadora do

educando. (FREIRE, 2011, p. 32).

A importância de se ouvir a criança, de dar a ela espaço para expressar suas vontades e seus pensamentos se reflete no futuro da mesma enquanto sujeito social, que não terá dificuldades em lutar pelo que pensa e pelo que considera que possa contribuir para sua melhor convivência em uma determinada sociedade é outra contribuição que Paulo Freire nos aponta e que podemos relacionar com a singularidade das infâncias.

O conceito de autonomia, presente em Freire, relaciona-se com a ideia de que as crianças devem possuir autonomia e conseguirem transmitir sua forma de agir e pensar. Uma criança sem voz será, muitas vezes, um adulto sem voz, um adulto que não terá a coragem necessária de expor e lutar pela sua visão de mundo, pela sua forma de pensar o mesmo. A criança enquanto sujeito precisa ter espaço para expressar as suas vontades e desejos e não apenas obedecer a ordens.

A criança traz consigo experiências vivenciadas, contexto e visão de mundo que são dela, e que a diferencia das demais e precisa ser considerada pois a igualdade apaga a desigualdade existente.

Quando se dá a criança a oportunidade da autonomia, quando se estimula a sua imaginação vê-se que elas chegam aonde nunca se imaginou que pudessem chegar, que elas trazem coisas que nunca se havia pensado anteriormente e é justamente isso que deve mover os profissionais a utilizarem este tipo de estímulo em seu cotidiano.

Nas relações com as crianças, com base nos apontamentos de Freire, podemos perceber a importância do trabalho com seus gostos e preferências, com suas curiosidades e vontades de saber mais. A necessidade de se considerar o ritmo e o caminho de cada criança em seu processo de desenvolvimento.

Com o referido autor temos a possibilidade de compreender a riqueza de não sabermos todos iguais e termos saberes diferentes para compartilhar. A importância do trabalho coletivo e de vibrar com cada conquista alcançada na busca por compreender o compreender do outro. “Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” – FREIRE, 1987.

Há um menino, há um moleque, morando sempre no meu coração. Toda vez que o adulto balança, ele vem pra me dá a mão. Há um passado no meu presente, o Sol bem quente, lá no meu quintal. Toda vez que a bruxa me assombra, o menino me dá a mão. E fala de coisas bonitas, que eu acredito que não deixarão de existir, amizade, palavra, respeito, caráter, bondade, alegria e amor. Pois não posso, não devo, não quero viver como toda essa gente insiste em viver. Eu não posso aceitar sossegado qualquer sacanagem ser coisa normal. (Música: Bola de Meia, Bola de Gude – Milton Nascimento)

Quando trazemos a música cantada por Milton Nascimento, recorreremos às narrativas de Paulo Freire de suas memórias escritas cronologicamente, evocando sua infância/meninice, no estado de Pernambuco, onde a sua resistência em não aceitar as desigualdades sociais, já se expressava em suas memórias resgatadas.

A disciplina Infâncias nos proporcionou estarmos de pés descalços, subir em árvores, relembrar a fome, de forma menos dolorosa, pois a voz que saía de nossa boca, era da criança adormecida que cada um de nós possui dentro de si e o brincar, aliviava as recordações e as tristezas.

E assim, através da música fizemos uma correlação com a infância de Freire. Apesar que somente aos 70, anos, Paulo Freire, resgatou suas memórias de infância, ela é mais atual do que nunca. Com o esse pedagogo permanece vivo, tão real em nossas vidas em nossa sociedade!

A IMPORTÂNCIA DA COMPREENSÃO DAS SINGULARIDADES DAS INFÂNCIAS

Ao decorrer das leituras e contribuições de Paulo Freire podemos destacar a busca por alternativas para o ensino, com o objetivo de uma melhor compreensão do aluno, no caso específico deste artigo as crianças, acerca de seus processos de ensino e aprendizagem. Dentre as alternativas encontram-se propostas criadas através do interesse dos alunos, buscando relacionar com os conteúdos com o cotidiano vivenciado por eles, respeitando suas singularidades.

Apontamos a importância de considerar através de coisas que chamem a atenção delas, das crianças, que tenham curiosidade e queiram falar sobre, para que desta forma as propostas fiquem prazerosas. Relatamos ainda a importância de estimular seus interesses, considerando o que colocam, o que trazem. Se relacionam e se baseiam em Paulo Freire, já que ele destaca a importância da busca por um diálogo entre educador e educando, não concordando com algo pronto, os processos de ensino e aprendizagem devem ser construídos em coletivo, com troca de saberes, experiências.

Cabe ao professor, ao profissional de educação, em destaque ao do segmento da educação infantil, fazer com que suas propostas estimulem a participação das crianças.

Esta proposta de aprendizagem significativa deve abranger o trabalho com as suas diferentes ideias, fazendo com que essas crianças sejam estimuladas a buscarem novos conhecimentos, tendo suas singularidades respeitadas, não tirando suas curiosidades e estimulá-las através da retratação de seus cotidianos, valorizando os seus conhecimentos prévios, a linguagem que utilizam, assim o profissional estaria conhecendo, de forma mais ampla, o conhecimento de mundo que essa criança traz e assim ficaria mais fácil de partilharem conhecimentos acerca do próprio mundo e do contexto extra escolar.

Se percebe nas escritas desse pedagogo social, quando temos em mãos, em Cartas a Cristina, quando ele fala da sua própria infância e o quanto dela tirou proveito. Freire fala da infância como processo de descobertas, amadurecimento, de senso crítico comparado a qualquer outra fase da vida, e não como algo menor, sem relevância, como um simples ritual de passagem, que ocorre com tantas outras crianças. Cada infância se constrói de forma única. A minha não será igual a sua, e nem a sua será igual à do outro. Por isso ser tão singular, tão própria.

Em criança, Freire se indagava sobre a vida que levava com a família, e já se questionava, que algo errado acontecia na sociedade. O não conformismo de Freire, fez com que ele se tornasse um ser social, por sempre pensar em quem está ao seu lado e quem sofre com a falta de alguma coisa que as marcas da sociedade já se colocava. Apesar de ter sido esse ser que levou a esperança, do esperar, um ser resistente em busca do igual e mesmas possibilidades a

todos, não se fez entender, por muitos, principalmente no âmbito educacional. Creio que esse incômodo causado por Freire, ocorreu em uma época, em que a educação era puramente reproduzida, destacando que hoje, em muitos espaços e contextos, ela continua sendo. Naquele momento, em determinados espaços escolares, a reprodução do saber é o que se esperava de um professor ao ensinar seus alunos, tendo como características certa ausência de liberdade e diálogo entre o profissional e seus educandos. A construção do saber, as experiências de vida que cada um trazia, não era relevante, naquele momento no âmbito escolar. É interessante perceber que são pontos e experiências que ainda podem ser percebidos nos dias atuais com relação a educação.

Freire retrata em um momento de Carta a Cristina, o trecho em que se vê a valorização da natureza. A criança, principalmente datada de décadas passadas, vivia em contato mais direto com a natureza. Quase todas moravam em casas com quintais e não foi diferente com esse pedagogo, que nos traz relatos tão memoráveis sobre a cronologia de sua infância, onde ele marca episódios do contato com a natureza e que ficaram marcados em sua memória, não tão recentes, na época. O trecho abaixo nos mostra um pouco das memórias de Freire.

Até março daquele ano vivemos no Recife, numa casa mediana, a mesma em que nasci, rodeada de árvores, algumas das quais eram pra mim como se fosse gente, tal qual minha intimidade com elas.(FREIRE, 2017, p.18)

Quando lemos essas memórias de Freire, podemos relacioná-las a memória de várias outras pessoas. Nos veio a lembrança, do personagem do livro, “Meu pé de laranja lima.”, o tanto que doloroso foi para o menino ter que sair de sua casa com seus familiares e ter que deixar, seu amigo, o pé de laranja. O sofrimento era visível em ver as lágrimas saírem de seus olhos e o soluçar que saía de seu peito fazendo com os que faziam a leitura, por vezes, sentissem a mesma dor do personagem.

Retornamos em “Cartas a Cristina”, quando Freire se encontrava em Suíça, onde ele se encontrava exilado, devido ao regime da ditadura, em que se encontrava o país, Freire escreve a pedido de sua sobrinha, sobre sua infância.

Ao narrar suas memórias, ele as faz de forma cronológica, porém se observa-se que em determinadas passagens da escrita, a presença do pedagogo social adulto, se faz presente.

Durante sua infância, em companhia de sua família, Freire foi alfabetizado. Ele aprendeu de forma natural, em sua casa, com seus pais, no quintal, onde sua curiosidade era instigante. Suas primeiras letras, não foram adquiridas de forma sistemática. Ele relata o chão como quadro e a vara com giz. Aprender de maneira natural, uma lembrança que Freire traz com gratidão. Quando foi para uma instituição educacional regular, as primeiras letras, as primeiras palavras já tinham sido ensinadas pelos pais.

Suas memórias, sua infância cronológica escrita à sobrinha, nos reforça a perceber esse ser tão envolvente, tão transcendente do mundo do qual veio, que nos permite tê-lo em um lugar, além de educador social, que ele é reconhecido. Freire, personalidade de expressão humana. Ele, aos 70 anos traz a luz à sua visão de vida é percepção social, que já existia em seu ser, desde a sua infância. Sua convivência com o tio, que teve grande influência na pessoa que se tornou, nos faz sentir que no seu íntimo, Já respirava mudanças sociais, que já existia um olhar transformador e que além do tio, seu pai também se tornou referência em sua trajetória de vida. Freire explica bem a criança que foi e a infância coesiva que teve no parágrafo a seguir.

À nossa geografia imediata era, sem dúvida, para nós, não só uma geografia demasiado concreta, se posso falar assim, mas tinha um sentido especial. Nela se interpretavam dois mundos, que vivíamos intensamente. O mundo do brinquedo em que, meninos, jogávamos futebol, nadávamos em rio, empinávamos papagaio e o mundo em que, enquanto meninos, éramos, porém, homens antecipados, às voltas com nossa fome e a fome dos nossos. [...] No fundo, vivíamos, como já saliente, uma radical ambiguidade: éramos meninos antecipados em gente grande. A nossa meninice ficava espremida entre o brinquedo e o trabalho, entre a liberdade e a necessidade. (FREIRE, 2015, p.49-50)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi exposto buscou-se ampliar o debate acerca de se ampliar o olhar acerca da educação e de sua valorização como um todo. Olhando para os desafios, buscamos refletir e possibilitar o contato com as possibilidades, com novas formas de se pensar e se atuar no segmento da Educação Infantil.

Nessa memória, onde Freire se torna o próprio protagonista do resgate de sua infância, defende o poder que a criança/ meninice tem sobre qualquer época da sociedade. Infâncias são muitas e variadas, pois se constituem de acordo com o meio a que está inserida. As crianças que às revelam são o norte de resistência para uma sociedade mais humanizada e igualitária a ser multiplicada. Ter a visão dessas infâncias, acordadas dentro de um ser adulto é algo simples e ao mesmo tempo tão transformador para um olhar de um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P.; FAUDEZ, A. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. Cartas a Cristina. *Reflexões sobre minha vida é minha práxis*. São Paulo; Paz e Terra, 2º ed. ,2015.